

DANIELA SACERDOTI

OLHA POR MIM

Tradução de
CRISTINA LOURENÇO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2018

UM BEBÉ PERDIDO

Eilidh

No dia em que perdi o meu bebé, o tempo estava tão maravilhoso, tão cheio de sol, que metade da cidade fora para a rua com óculos de sol e um sorriso no rosto.

Eu saíra para uma caminhada, vestindo a minha blusa larga e florida de grávida. Estava apenas de dez semanas, era muito cedo para usar roupas de grávida, mas não conseguia esperar. Também tinha comprado alguma comida, uma combinação esquisita de sardinhas e caju, pois não parava de dizer a mim mesma que sentia este ou aquele desejo. Não sentia, de facto. Só queria, por fim, poder dizer frases como: «Ando a alimentar-me de manga e molho inglês e a roer elásticos. Uma pessoa fica com uns desejos terríveis quando está *grávida!*»

Grávida.

Eu estava mesmo grávida. Isso parece impossível agora.

Queria experimentar o momento na sua totalidade; viver cada sinal, cada sintoma, por mais leve que fosse — o enjojo matinal, os tornozelos inchados, as blusas enormes, as noites insones. Queria rir-me diante do tamanho gigante das minhas cuecas e verificar a probabilidade de ser menino ou menina num teste idiota de revista. Queria debruçar-me sobre livros para analisar os nomes, escolher a mobília do quarto e discutir as vantagens de usar um *sling* e não um marsúpio. Queria comprar os pequenos *bodies*, os gorros, as luvas e as meias.

Tudo branco, até à ecografia da vigésima semana, quando saberia se era menino ou menina. Tom e eu olháramos para o ecrã, maravilhados, e diríamos um para o outro: «Olha, ele está a acenar! Está a dizer “olá”!» Ligaríamos para os nossos amigos e familiares para lhes dizer o sexo da criança. Emolduraríamos as ecografias e pô-las-íamos sobre a lareira. Tom poderia levar uma para o trabalho, onde outros médicos, parteiras e rececionistas se maravilhariam e diriam: «Ele... ou ela... é parecido contigo!» Não é possível saber, claro, pois não se consegue ver nada naquelas imagens, é apenas uma daquelas tolices amáveis e sem sentido que as pessoas dizem porque se sentem bem a falar delas — dos bebés a caminho deste mundo, de toda a esperança e alegria que trazem consigo.

Mas o que eu mais queria era sentir o bebé a dar pontapés dentro de mim. Contaram-me que era como sentir pequenas ondas, borboletas a voar na barriga. Queria que a mão de Tom pousasse na minha barriga enorme, ver o orgulho no seu rosto e a ternura por mim, a sua mulher, que ia dar-lhe um filho ou uma filha.

Esperei tanto, tanto tempo por isto; enquanto todas ficavam grávidas e carregavam as suas barrigas adoráveis como se fossem coroas, eu vestia as minhas calças de ganga tamanho trinta e oito e mantinha a barriga lisa. Odiava o facto de estar a emagrecer em vez de ficar roliça, plena e serena.

Queria desesperadamente ser uma *delas*, as grávidas: a minha irmã, as minhas amigas, colegas, a minha cabeleireira. Até o carteiro — bem, a rapariga que entrega o correio — me impunha a sua grande barriga todas as manhãs, enquanto eu a via subir e descer a nossa rua como um pato e entrar desajeitadamente na carrinha do correio. Até que ela me disse que lhe mudariam as funções, por uma questão de saúde e segurança; ia ficar sentada ao balcão do levantamento de encomendas nos correios a ver a barriga crescer. Disse-me para passar por lá a cumprimentá-la.

Eu examinava as barrigas das mulheres obsessivamente, para ver se estavam inchadas daquela forma adorável e retesada do início da gravidez, quando a barriga mal está lá, mas já é visível. Torturava-me, convencia-me de que toda a gente, *toda a gente* estava grávida, menos eu.

Sempre que encontrava um carrinho de bebê, virava o rosto. Não conseguiria evitar aquele olhar demorado de desejo que as mães reconhecem, que as faz quase atacar e dizer com os olhos: «Este bebê é meu.»

Eu queria ser assim. Queria que as outras mulheres olhassem para o meu bebê com os olhos a brilhar e me invejassem, e sentir-me a rainha do mundo, a mulher mais sortuda do planeta.

Como a minha irmã. Ela é especialista em fazer isso.

Katrina tem menos três anos do que eu. Adoramos bebês, ambas queríamos ser mães desde pequenas. Costumávamos brincar às casinhas, tomar conta das bonecas, alimentá-las, metê-las na cama, levá-las a passear nos seus carrinhos cor-de-rosa. Não admira que tenhamos decidido trabalhar com crianças: ela tornou-se enfermeira pediátrica e eu auxiliar numa creche.

Katrina casou cedo, mal tinha saído da faculdade, e em seis meses estava grávida. Teve um menino, um menino adorável, o meu querido sobrinho Jack. Quando deu à luz outra vez — duas meninas gémeas —, eu já tentava engravidar há mais de três anos. Quando a via segurar as duas, uma em cada braço, com os seus *babygros* e gorros cor-de-rosa, os rostinhos corados, ficava doente de tanta tristeza.

Depois de Isabella e Chloe — quando eu passava pela minha segunda fertilização *in vitro* —, veio Molly. Era o bebê da família, a luz dos nossos olhos. Mais felicitações, mais comemorações, mais celebrações, com os meus pais a dizer na brincadeira que uma das filhas tinha bebês suficientes para as duas.

No entanto, não estavam realmente a brincar. Conheciam a minha luta, mas os meus familiares não têm muito... como posso dizer... tato. Alguns diriam que são um tanto cruéis. Bem, pelo menos comigo. Em especial a minha irmã. É implacável, lembrando-me constantemente como é fértil, como a sua produção de rostinhos, mãozinhas e dedinhos é abundante, como as filhas a adoram e se colam a ela e como isso a torna... uma pessoa de valor.

Ao passo que eu não valho nada, sou estéril, os meus braços estão feridos pelo vazio. Braços vazios, coração vazio.

— Se tivesses filhos, saberias como me sinto! — acusou ela aos gritos no primeiro dia de aulas de Jack.

— Elas só querem a mamã, não é? A tia não é a mesma coisa! — dizia ela a rir enquanto uma das gémeas me contornava a correr na sua direção com o joelho esfolado.

— Desculpa, não é que ela não te queira, apenas fica mais calma comigo — dizia quando eu pedia para deitar Molly.

Enquanto isso, o marido tratava Tom da mesma maneira, com piadas cruéis sobre a falta de espermatozoides, o que nem sequer era verdade — já tínhamos descoberto, depois de uma série de exames, que o problema era meu. Tom fingia rir, mas depois ficava muito calado. A seguir começou a arranjar desculpas para não comparecer aos encontros familiares; não podia culpá-lo.

Tom é médico, alguns anos mais velho do que eu. Não foi uma paixão arrebatadora ou coisa parecida, éramos bons amigos, dávamo-nos bem e queríamos filhos. Tom já passara dos trinta e também não era muito chegado à família, portanto esperávamos constituir a nossa própria família e deixar de estar sozinhos.

Começámos a tentar engravidar logo depois da lua de mel. Dez anos, muitos exames e cinco tentativas de fertilização *in vitro* depois, funcionou. Eu engravidei.

Mas, por essa altura, o nosso casamento estava em frangalhos. Tom tinha outra pessoa havia muito tempo. Eu estava tão exausta devido às injeções de hormonas e tudo o resto que não tive forças para falar do assunto e muito menos discutir.

Tinha deixado o emprego dois anos antes. O tratamento estava a acabar comigo emocional e fisicamente, e não podia continuar a pedir baixa. Trabalhava com crianças o dia todo, precisava de sorrir, de estar alegre e ser carinhosa enquanto o meu coração sangrava sem parar.

Já para não falar nas mães grávidas com que tinha de lidar. Vinham buscar os filhos, tentavam baixar-se e descalçar as crianças.

— Deixe estar, eu ajudo-a — dizia eu.

Elas riam-se e respondiam, indicando a barriga redonda:

— Obrigada, desculpe, estou maior a cada dia que passa!

E eu, doente de inveja, exausta pelo tratamento hormonal, acabada pelas noites insones e os suores noturnos, tinha de retribuir o sorriso.

Desisti. Queria guardar toda a energia para o meu único objetivo, a única coisa que importava.

Tentaram quatro vezes colocar os nossos bebês dentro de mim — chamavam-lhes embriões; eu, bebês. Não resultou das quatro vezes.

Não é que tentassem manter o bebê dentro de mim e eu abortasse. Nem isso ocorria. Nada acontecia, nem mesmo um leve inchaço ou alguma sensação... diferente. Não sentia nada, como se nada tivesse havido, como se tudo tivesse sido um sonho, aqueles quatro bebês. Um sonho que desaparecia com a luz, como é apanágio dos sonhos. Como se nunca tivessem estado ali.

Eu chorava e chorava durante horas, partilhando um copo de sumo — pois o vinho estava proibido durante o tratamento — com Harry, o meu melhor amigo. A sua amizade salvou a minha sanidade. Conhecemo-nos na escola quando tínhamos treze anos, saímos juntos durante algumas semanas quando tínhamos dezasseis e depois decidimos que nos dávamos melhor como amigos. Um ano depois, ele assumiu ser *gay*, chocando completamente o pai. Ficou em casa da tia uma semana, até o pai lhe bater à porta em lágrimas e lhe pedir que voltasse. Depois desse pequeno incidente, a vida de Harry decorreu calmamente. Conheceu Douglas, o seu companheiro, na faculdade e estão juntos desde então.

Enquanto eu vivia um verdadeiro inferno, Harry e Doug eram o meu porto seguro, e com eles passei várias noites a ver séries e filmes melosos, a comer hóstias de camarão e massa chinesa.

Chorava nos braços de Harry e ele dizia:

— Vá lá, vá lá, vais ficar bem, vais ficar bem...

Eu ficava tão grata que o meu coração se enchia de ternura por ele. Era como um irmão para mim.

Quando lhe contei que Tom tinha outra pessoa, ele voltou a ser como era antes de sair do armário e perguntou-me se eu queria que ele fosse lá dar-lhe um soco. Depois caiu em si e sugeriu que puséssemos o seu perfil completo, incluindo o número do telemóvel e *e-mail*, num *site* de encontros para *gays*.

— Não, obrigada. Acho que vou apenas ignorar, fingir que não está a acontecer.

— Isso nunca resulta.

— Eu sei... mas não posso desistir agora. O tratamento está agendado para daqui a dois meses, não posso cancelar, talvez seja a minha última oportunidade!

Resultou. À quinta, resultou.

Quando vi a cruz azul no teste de gravidez, uma linha bastante azul e outra perpendicular hesitante e tímida que mal se via, escorreguei pela parede de azulejos até ao chão da casa de banho, fechei os olhos e experimentei a alegria suprema que nunca sentira antes.

Quatro testes depois, quatro cruzeiros azuis depois, já não tinha mais chichi e estava tonta de emoção.

Tom não cabia em si de alegria. Durante algum tempo, não trabalhou até tarde, deixou de ter congressos aos fins de semana, reuniões e de fazer horas extraordinárias. Eu vivia numa bolha de alegria, mas não me atrevia ainda a preparar-me para o bebé. Era demasiado cedo, não queria atrair o azar. A minha gravidez era de alto risco, tinha de me submeter a exames frequentes, portanto não podia descontraí-me.

Um dia Tom chegou com um berço lindo, feito de ferro forjado e pintado de branco. Era maravilhoso.

— Era da Eva — disse, enquanto carregava o berço com cuidado para dentro. Eva era filha do seu melhor amigo e nosso padrinho. — Sabes que eles não querem mais filhos, então ele deu-mo. Foi feito na Escócia, numa aldeia das Terras Altas. Achei que ias adorar. — Sorria. Naqueles dias, parecia o velho Tom, o homem com quem me casei.

— Adoro! É lindo! E veio da Escócia!

Vivi na Escócia vários anos em criança, quando os meus pais se separaram. A minha mãe, a minha irmã e eu fomos viver com a minha avó Flora em Glen Avich, no nordeste do país.

— O problema é que... — comecei hesitante.

Ele fez uma expressão confusa.

— Bem, dizem que dá azar pôr o berço no quarto demasiado cedo. Talvez possamos guardá-lo na arrecadação.

— Na arrecadação? Estragava-se. E, de qualquer modo, todas essas coisas sobre berços no quarto, gatos pretos e escadas são um monte de disparates, sabes isso.

— Claro, claro, sei.

Mas não tinha a certeza. Os meus pensamentos diziam: *Ora, Eilidh, não sejas tola*, mas a minha intuição rebatia: *Porquê arriscar?*

— Eilidh — disse Tom com uma gargalhada, levantando o berço para subir as escadas —, desde quando és supersticiosa?

— Não sei, é que... — Encolhi os ombros. Não tinha palavras para explicar.

— Disparate. Anda ver.

Levou-o para cima e atravessou o patamar, o berço que nunca seria preenchido. Colocou-o com cuidado no futuro quarto do bebé, aquele que eu esperava decorar havia anos.

— Pronto. Não fica perfeito?

Assenti e sorri.

Tentei não sentir medo, mas sentia.

Não foi o berço, claro. Não sou supersticiosa ao ponto de pensar que foi por causa disso. Não foi o berço nem o facto de carregar as compras para casa num dia quente, não foi nada que eu tenha feito, disse o médico.

Não devia culpar-me, declarou ele.

Mas culpo, culpo-me por não ter sido suficientemente forte para levar a gravidez até ao fim, por não dar ao meu bebé a oportunidade de viver. Desiludi o meu bebé e agora ele está morto.

Naquele dia ensolarado e encantador há três meses, uma vida inteira atrás, parei para conversar com a minha vizinha alguns minutos, antes de me despedir e me virar para atravessar a rua em direção a minha casa. Enquanto andava, ouvi os passos apressados da minha vizinha atrás de mim e senti o seu braço em volta da minha cintura, como se quisesse suste-me.

— Deixa-me levar isso, Eilidh, linda menina — disse ela, enquanto me tirava delicadamente os sacos de compras e me levava até casa, o braço ainda em volta da minha cintura. Lentamente percebi que havia algo de errado e então senti um líquido a escorrer pelas pernas. Não era suor; olhei e vi sangue.

Se tivesse tido um menino, chamar-se-ia Harry. Se tivesse tido uma menina, Grace.

Quando parei de chorar, três meses depois, levantei-me do sofá, tomei um duche quente e demorado, vesti-me pela primeira vez em semanas e preparei uma chávena de chá. Sentei-me à mesa da cozinha com o telemóvel, um bloco de notas e uma caneta.

Tom estaria fora durante o fim de semana. Um congresso, disse, como se eu não soubesse a verdade, como se fosse burra.

Escrevi dois bilhetes:

Mãe e pai,

Vou para fora durante uns tempos. Não se preocupem, eu fico bem.

Telefone assim que me instalar.

Eilidb

Tom,

O nosso casamento acabou. Tenbo a certeza de que sabes porquê, mas a tua namorada não é o único motivo. Acabou há anos. Vou entrar em contacto com os meus pais quando me instalar, eles poderão dizer-te que estou bem. Não me procures.

Eilidb

Então peguei no telemóvel e mandei uma mensagem a Harry:

«Vou para fora uns tempos. Não te preocupes com nada, a sério, eu fico bem. Deixo o telemóvel para trás, mas acedo à Internet assim que puder e mando-te logo um *e-mail*. Beijos, E.»

Deixei os bilhetes e o telemóvel na mesa da cozinha, guardei algumas coisas na mala com cuidado, devagar.

Sentia-me vazia. Como uma concha seca sem nada lá dentro, nada mais para dar.

Entrei no carro e comecei a conduzir, sem ter a menor ideia do destino. Só sabia que tinha de sair dali.

Na autoestrada, comecei a ver placas que diziam «Norte».

Norte.

De repente, percebi para onde ia. Onde a parte mais funda e secreta de mim queria estar, para que me pudesse curar. Continuei a conduzir, durante a tarde e o começo da noite.

A luz estava lilás e os pinheiros negros em contraste com o céu quando cheguei a Glen Avich. A visão da casinha caiada e da sua porta vermelha trouxe um milhão de lembranças felizes. Se conseguisse sentir alguma coisa, teria sido alívio. Porém, estava anestesiada.

Bati à porta de Flora. Ela já lá não estava, morrera há muito tempo — mas a minha tia-avó Peggy ainda ali vivia. Ela abriu a porta e arquejou ao ver-me tão pálida, tão perdida, tão magra.

Era a hora do crepúsculo, quando as formas parecem perder os seus contornos e ficam meio esborratadas, como se começassem a desvanecer-se na escuridão. Eu era uma das coisas que estavam a desaparecer. Sentia-me como se Peggy tivesse aberto a porta e encontrado uma pequena nuvem de ar frio azul onde eu supostamente estava.

Ela sorriu e abraçou-me; fez-me entrar, serviu-me uma chávena de chá quente e doce e falou comigo com o melhor sotaque do mundo, tal como a minha avó costumava falar. Naquele momento, a noite já caíra e estava escuro como breu ali no coração das Terras Altas.

Peggy levou-me para o quarto, o quarto que eu dividira com Katrina quando era pequena. Mal tive energia para vestir o pijama e enfiar-me na cama. Ela trouxe-me outra chávena de chá e deixou-a na mesa de cabeceira. Sussurrei um agradecimento, mas não consegui mexer-me; cada parte do meu corpo pesava chumbo. Fechei os olhos.

Devagar, muito devagar, a Escócia começou a penetrar em mim. Envolveu-me e susteve-me — os seus sons e cheiros reconfortaram-me como fizeram quando eu era criança.

Adormeci entre os lençóis limpos e um edredão que cheirava a mofo, mas de uma forma agradável, como cheiram as coisas das avós.

Dormi durante doze horas, depois de semanas e semanas de noites em claro. Quando acordei na manhã seguinte, assim que o sol nasceu, senti que a vida era suportável.

Pouco suportável, é verdade, mas suportável.

Era como se, de repente, eu tivesse conseguido interromper o processo de desaparecimento. Talvez não fosse sumir e deixar de existir.

Talvez a vida estivesse a dar-me uma segunda oportunidade.